

## O SEXO NA OBRA DE ROBERT MAPPLETHORPE: APONTAMENTOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE COMO ABORDAGEM NA ARTE CONTEMPORÂNEA.<sup>1</sup>

Juzelia de Moraes Silveira/UFSM  
Ayrton Dutra Corrêa/UFSM

### Resumo

O presente artigo é oriundo da dissertação “Robert Mapplethorpe: diálogos e olhares sobre a sexualidade na arte contemporânea” realizada no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. O artigo tem como base a análise de obras de Robert Mapplethorpe que abordam o tema da sexualidade - com ênfase na homossexualidade - propondo diálogos com obras de outros artistas que também se utilizam da mesma temática. Busca-se pensar questões que tangem a sexualidade na contemporaneidade e olhares da arte acerca da questão homossexual. Visto que Robert Mapplethorpe abordou significativamente a sexualidade em sua produção, observa-se a relevância de tecer uma análise sobre sua obra, a fim de melhor compreender como se constroem os discursos acerca da homossexualidade no âmbito artístico.

**Palavras-chave:** Robert Mapplethorpe; sexualidade; arte contemporânea.

### Abstract

*The present paper is based on the essay "Robert Mapplethorpe: dialogues and visions about the sexuality in art contemporary" accomplished at the Postgraduate Program in Visual Arts Federal University of Santa Maria. The article is based on the analysis of Robert Mapplethorpe's works on the theme of sexuality - with an emphasis on homosexuality - put side by side to works of other artists who also use the same theme. The research is aimed at thinking about issues related to sexuality in contemporary and the sights of the art about the homosexual issue. As Robert Mapplethorpe significantly addressed sexuality in its production, there is the importance to make an analysis of his work to better understand how to construct the discourse about the homosexuality under art.*

*Keywords: Robert Mapplethorpe, sexuality, contemporary art.*

### Apontamentos sobre a sexualidade na obra de Robert Mapplethorpe.

Sabe-se que a obra de Robert Mapplethorpe não possuiu como único mote a sexualidade, contudo é incontestável o quanto tal temática apresentou-se como determinante na construção de seu reconhecimento no âmbito artístico.

O caráter chocante e intenso, a incessante investigação acerca de aspectos variados da sexualidade e dos impulsos sexuais reforçou as

possibilidades de diálogo acerca do tema por meio da arte. Evidentemente este não se trata de um tema abordado na arte exclusivamente na atualidade, todavia Mapplethorpe, em inúmeras de suas séries, nos aponta uma sexualidade sem disfarces, em que prazeres freqüentemente compreendidos como incomuns e, por vezes considerados desprezíveis, são afirmados e exaltados.

As obras de Robert Mapplethorpe ao transitarem por questões que se apresentam polêmicas, estas já inseridas em meio ao tema polêmico da sexualidade, abrem a discussão a olhares diferenciados sobre o sexo e suas particularidades.

Suas fotografias são registros de práticas sexuais incomuns aos padrões ditos aceitáveis da sexualidade. Todavia o que Mapplethorpe desejava era justamente ser tocado por um instante do ato sexual que não se mostrasse óbvio, mas que apreendesse em si a criatividade de mais uma ação humana.

Não era suficiente que alguém chegasse ao orgasmo – ele queria que o orgasmo fosse produzido por algum ato “criativo”, como por exemplo um cateter, ou uma agulha, introduzido no pênis. (MORRISROE, 1996, p. 170)

Ao exibir o universo sadomasoquista, homossexuais, desejos sexuais que aparentemente são incompreensíveis para boa parte da sociedade ou simplesmente por evidenciar o órgão sexual masculino em suas fotografias, Mapplethorpe afronta o público não apenas por tocar publicamente o tema melindroso, mas por tratar com naturalidade algo que parece exigir a vigilância moral e, destarte certa reprovação.

Na obra de Mapplethorpe, que traduz ideologias e aspectos psicológicos do artista, as situações fotografadas parecem contar a vida sexual do artista, bem como apontar suas concepções acerca da sexualidade. Estas, colocando-se estranhas aos olhares mais conservadores e, até mesmo, aos que não se percebiam como tal.

Para a sociedade contemporânea, tão habituada ao perfil preconceituoso adotado sobre a sexualidade, as obras de Mapplethorpe

parecem não apenas possivelmente causar repulsa, como parecem exigir esta sensação. Todavia esta sociedade vive sob o peso de posturas e desejos discrepantes em que a inerência sexual humanidade, choca-se com a moral instituída secularmente.

A proposição de Didi-Huberman (1998) quando afirma que a obra que olhamos também acaba por nos olhar, parece aqui apreender o cerne da repulsa e atração existentes na obra de Mapplethorpe. Quando frente a uma obra do artista o espectador se remete à sua prática sexual e a seus desejos mais íntimos, este é convidado a uma nova situação proposta por um terceiro, neste caso, quase tendo sua intimidade violada e observada por um estranho.

Neste sentido parece um tanto natural a rejeição frente às obras do artista, posto que freqüentemente somos, desde o início de nossas vidas, educados para compreender a sexualidade como algo envolto por temores e melindres. Meio de prazer, mas carente de cuidados extremos em amplos aspectos. Deste modo observamos a possibilidade de uma sexualidade que não se expõe em plenitude, que não entrega completamente às possibilidades de prazer.

Deste modo é interessante observar que uma das questões colocadas pela arte é justamente a possibilidade de compreensão de práticas sexuais das mais distintas naturezas, como meio de prazer e não necessariamente de um problema a se observar e apontar. Para tanto serão citados alguns artistas que abordam um dos aspectos da sexualidade – a homossexualidade – a fim de apontar algumas questões acerca de como se constroem os discursos acerca do tema.

O que podemos observar nestas obras é de certo modo uma defesa acerca da sexualidade como fonte de prazer, muito mais do que como conflito interno. O que vemos são abordagens da sexualidade que se propõem à liberdade ao passo que se expõem provocando a crítica, mas sem subjugar-se a regras determinadas pela moral. Neste sentido observamos a possibilidade de diálogo entre as obras de Mapplethorpe e dos artistas que serão mencionados no decorrer deste artigo.

## Apontamentos sobre a homossexualidade e o homoerotismo nas artes visuais.

Patrícia Morrisroe (1996) comenta na biografia de Mapplethorpe sobre o fascínio sentido pelo artista acerca da prática conhecida como “Chuva Dourada”, e cientificamente denominada Urofilia, que consiste no ato de urinar sobre o parceiro e também sua predileção pela prática da Coprofilia – excitação pelo contato com as fezes do parceiro. O que aparentemente foge aos costumes tradicionais da prática sexual, para Mapplethorpe despontava (apesar da existência destas práticas há muito tempo nas civilizações) em meados da década de 70 e 80 como um meio de obtenção de prazer.

Um exemplo desta prática pode ser visto na obra Jim e Tom Sausalito de Mapplethorpe. Trata-se de um tríptico com umas de suas fotografias mais rechaçadas pela opinião pública contendo a imagem de dois homens, em trajes tipicamente sado masoquistas, em que um destes aparece urinando frente à boca do outro. Estas fotografias são integrantes do Portfólio X, uma de suas séries mais polêmicas.



Fig. 19 - Robert Mapplethorpe. Jim e Tom, Sausalito, 1977-1978. Fotografia (40,6 x 50,8 cm)

“Jim e Tom, Sausalito” abrange em si inúmeras das questões sexuais trabalhadas por Mapplethorpe e permitir compreender por meio da abordagem da sexualidade como se davam as transformações de uma determinada época. Deste modo podemos observar comportamentos e características estéticas de

determinados grupos que tiveram como base para seu surgimento o mote sexual.

“Jim e Tom, Sausalito” acaba por apreender em si uma série de características que denotam um momento de intensas transformações na sociedade da década de 70. A atmosfera recôndita em que se encontram os dois modelos acaba por remeter aos locais destinados a práticas sexuais não-tradicionais que despontam neste período. Marcados por redutos um tanto ocultos, reafirmando o caráter de submundo – que parece neste período ter tornado-se de certa maneira algo exaltado - estes locais acabaram reconhecidos por promover práticas sexuais liberais.

Além da ambientação da fotografia, apresenta-se como característica das transformações deste período a questão da homossexualidade não mais ocultada e disfarçada, mas em inúmeros momentos afirmada e exaltada. Quando um artista renomado (mesmo que sob o rechaço da sociedade) utiliza com naturalidade a homossexualidade como ponto de destaque de seu trabalho, certamente acaba por impor o olhar e conseqüentemente a discussão em torno do assunto.

Bem como Mapplethorpe, outros artistas afirmam a questão da homossexualidade em suas obras, como Tom da Finlândia e Pierre et Gilles. Olhares distintos acerca de um mesmo assunto, contudo evidenciando-o sem temores e observando aspectos que vão além da mera constatação de uma prática sexual pautada, sobretudo no fato dos agentes envolvidos no ato sexual serem do mesmo sexo.

Tom da Finlândia, que tem sua obra reconhecida pela investigação do universo homoerótico em sua condição clichê. Tom nos mostra com clareza os aspectos aqui comentados, também abordados por Mapplethorpe em sua obra, os quais representam uma cultura homoerótica estabelecida, que literalmente “saiu do armário” na década de 80.

Seus desenhos e litografias são freqüentemente marcados pela representação de homens, viris e robustos e na maior parte das imagens

aparecem vestidos com roupas militares, de operários e demais figurinos que remetam a homens másculos. E é justamente este o ponto primordial desta cultura que surge: um homem gay, que não necessariamente apresenta-se efeminado.



Fig. 20 - Tom da Finlândia, Sem título, 1982.  
Litografia. (33 x 24.2 cm)



Fig. 21 - Tom da Finlândia, Sem título, 1985.  
Litografia. (29.2 x 20.3 cm)

Pela obra de Tom da Finlândia percorrem homossexuais masculinos marcados pela exaltação de suas virilidades. Como Tom cresceu em uma comunidade rústica em sua terra natal, a Finlândia, a presença de fazendeiros e lenhadores era comum em sua rotina. Deste modo, descoberto seu desejo homossexual, Tom não somente percebeu nestes homens robustos e um tanto brutos um fetiche, como também acabou por transpô-lo para sua arte.

A ereção evidente é como que mais um código que constitui o jogo da conquista, esta aliada ao processo gestual e silencioso que parece tão comum nestas situações.

(...) a cultura *gay* afirma-se por um estar-aí que veicula-se preferencialmente em códigos gestuais e visuais que dispensam longos discursos, justificações ou argumentações elaboradas: um olhar, um toque, um gesto, um pequeno sinal e tudo está dito. (BARCELLOS, 2002, p. 129)

Estes gestos frequentemente são compreendidos pela sociedade como marcados por determinada feminilidade, o que parece caminhar em sentido oposto ao padrão homossexual marcado por sua virilidade mencionado anteriormente. O que parece ocorrer é a criação de padrões nos quais devem ser adequados os desejos sexuais. Estes padrões delimitariam normas e condutas que definiriam de modo quase imperativo como se portariam pessoas com determinados impulsos e práticas sexuais, como se estas fossem possíveis de se restringir a um único padrão, ignorando-se entre outras questões aspectos culturais.

Nas fotografias de Pierre et Gilles também são comuns a presença de personagens marcados por elementos simbólicos do universo masculino. Bem como nas obras de Tom da Finlândia, percebemos marinheiros, *cowboys*, heróis mitológicos e até mesmo jogadores de futebol; todos os arquétipos que remetem à masculinidade.

As obras são marcadas por uma atmosfera altamente estetizada e ao contrário das obras de Tom da Finlândia, as imagens não são representações das práticas sexuais de determinado grupo. A construção cenográfica, os modelos selecionados, os adereços coloridos e a iluminação inebriante criam um universo de glamour para o espetáculo que tem como eixo a sexualidade e, como ênfase a homossexualidade.

A presença destes arquétipos, que acabaram tornando-se clichês do universo homoerótico com o passar dos anos, nas fotografias de Pierre et Gilles ganham outro olhar que não a mera afirmação da existência destes grupos (e aqui parece confirmar-se a citação anterior de Barcellos). Pierre e Gilles colocam em evidência a constituição destes clichês, lançam o olhar sobre esses padrões que foram estabelecidos e definidos por uma sociedade.

Não se pode ignorar a relevância da sociedade heterossexual no estabelecimento destes clichês, que evidentemente carregam consigo uma certa dose de preconceitos e acabam por determinar paradigmas dos processos de sexualidade.

O processo de heterossexualização do desejo ocorre através da veiculação de normas que, como elos de uma cadeia de significação, procuram regular, delinear, delimitar a forma de percepção do corpo, impelindo o indivíduo a um processo identificatório que se caracteriza por obedecer a uma dinâmica reinterativa e restritiva. Isto implica dizer que o processo para a materialização do corpo, ou seja, seu ingresso para o domínio do simbólico, estrutura-se a partir do repúdio a certas formas de identidade e desejo. (BUTLER, 1997 p. 166)

Não por acaso determinadas figuras da esfera gay são envoltas por uma atmosfera que parece ancorada em uma vertente cômica, o que não as torna menos oprimidas pelo preconceito, mas que parece ocultar uma repressão. Isto é evidenciado pelo humor cáustico com que Pierre et Gilles apresentam os personagens (neste caso modelos) em meio a flores, céus azuis surreais repletos de nuvens que parecem saídas de histórias infantis, além da significativa incidência de uma luz artificial que reforça o caráter onírico.

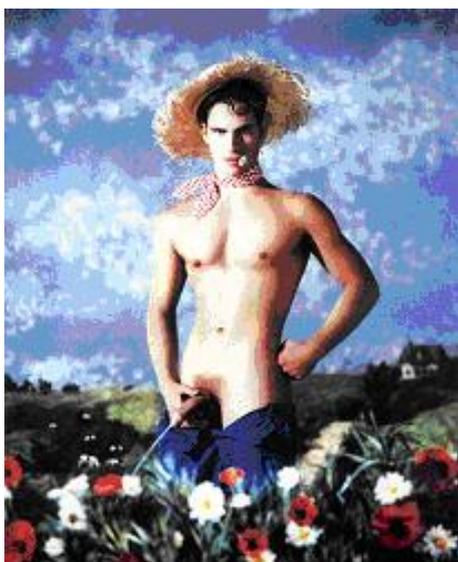


Fig. 22 - Pierre et Gilles. Lê Petit Jardinier.  
Fotografia, 1996. (123 x 103 cm)

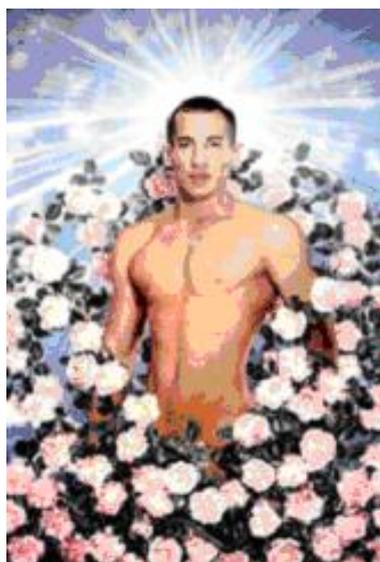


Fig. 23- Pierre et Gilles. La tentation d' Adam.  
Fotografia, 1993. (sem dimensões especificadas)

Este misto de inocência e concupiscência presente na postura e feições apresentadas pelos modelos que compõem a cena, como mais um dos aspectos comuns do desejo sexual, habita amiúde as fantasias de muitos homossexuais masculinos. Estes comportamentos, aliados ao bucólico ideal de “um amor e uma cabana”, flores e raios de sol, soam como saídos de preces da menina mais romântica ou do homossexual mais sensível.

Mas mais do que habitar as fantasias, estas imagens acabam por fazer parte de questões instituídas como pertencentes aos anseios homossexuais, onde já não se compreende mais se estes desejos começaram a vigorar porque realmente eram comuns nos aspectos homossexuais, ou se foram criados e instituídos como padrões do comportamento homossexual por serem associados ao excesso de feminilidade.

Neste sentido, retornamos à questão da postura de um homossexual masculino que não necessariamente encaixa-se nas características determinadas como pertencentes à esfera homossexual.

(...) não é possível falar sobre ou conceptualizar “sexualidades”, “desejo”, ou “identidades sexuais” somente no plano do abstrato uma vez que “nossos corpos são sempre corpos no mundo, e no mundo em que vivemos nossos corpos estão sempre expostos a algum tipo de leitura que os dividem em termos de gênero. Por isso se materializam como corpos sexuais [por um contexto político-histórico-social específico]”. (SANTOS, 2002, p. 201)

Se observarmos os contextos histórico-sociais em que foram produzidas as pesquisas citadas anteriormente, de Pierre et Gilles e Tom da Finlândia perceberemos a construção muito mais de padrões determinados por uma sociedade que parece observar de fora, do que propriamente de grupos propriamente definidos por uma gama de características comuns.

Não se pode negar a existência de sujeitos que parecem ajustar-se nos “moldes” citados, tanto no que compreende ao homossexual efeminado e romântico, quanto no que se refere ao homossexual marcado por sua conduta veementemente masculina. Todavia, ao deter-se em características comportamentais com o intuito de determinar padrões e grupos, acabamos por, de modo quase automático e imperceptível, delimitar fronteiras e estabelecer teorias quase normativas.

Como já afirmava Foucault em sua obra “A História da Sexualidade II” (1990, nós, seres sexuados, possuímos não apenas a necessidade da prática sexual, mas de criar um discurso em torno desta. Contudo, esta mesma sociedade que vê a necessidade pulsante de uma discussão de cunho sexual,

vê-se também sob a ameaça de um rechaço frente à moral instaurada secularmente.

Neste sentido parece interessante atentar para obra de outro artista, em que podemos observar a constatação de que se tratam de obras consideradas homoeróticas, em significativa parcela pelo fato de serem produzidas por um homem que se dedicou a fotografar e exaltar o corpo masculino.

Trata-se de Alair Gomes, artista que apresenta o desejo e o olhar homoerótico como um relato de sua biografia. E por mais que realize suas fotografias de modo um tanto velado, esta questão não parece determinada pelo receio de olhares preconceituosos, no entanto parece motivadora do jogo voyerístico que desperta seu olhar artístico.

Seus modelos não apresentam a virilidade dos homens representados por Tom da Finlândia, parecendo apresentar menos vestígios femininos em meio à masculinidade. Entretanto Alair explora cada movimento proveniente dos exercícios físicos realizados pelos homens que fotografa, para exaltar a forma masculina.

O caráter homossexual no caso é apresentado pelo olhar do fotógrafo e não pelos homens que fotografa. Como já foi citado anteriormente, tais obras parecem conquistar o reconhecimento como fotografias homoeróticas devido ao fato de um fotógrafo, homem, lançar o olhar sobre a exaltação do corpo masculino. Contudo, o que se vê não é a exaltação da homossexualidade, mas sim do homem, de sua virilidade.

Alair, ao produzir estas fotografias sem que os fotografados tenham conhecimento, acaba por estabelecer uma apropriação destas imagens destes anônimos, como cita Alexandre Santos (2008) e, de certo modo, os envolvendo nesta leitura homoerótica. Faz destes corpos um pouco seus, ao fotografá-los, ao congelar os momentos que deseja tornar perenes.

Santos ainda comenta a questão das sequências fotográficas realizadas por Alair, o que confere à obra uma sensação de sequências de imagens cinematográficas, sugerindo movimento e narrativa. Narrativas estas que Alair

cria para seus fotografados enfatizando mais uma vez a questão da apropriação. Tal questão nos remete a Didi-Huberman quando este comenta:

Sem dúvida, a experiência familiar do que vemos parece na maioria das vezes dar ensejo a um *ter*. Ao ver alguma coisa, temos em geral a impressão de ganhar alguma coisa. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.34)

O que Alair parece buscar ao estabelecer esta sequência de imagens, ao se apropriar destes momentos em que a exaltação do corpo se evidencia é justamente este “ter”. Estes corpos passam de algum modo a serem seus e, por mais que Alair não seja capaz de movimentá-los de acordo com seus desejos, acaba por determinar quais são os movimentos que deseja criar e guardar para si por meio de suas montagens seqüenciais.



Fig. 28 - Alair Gomes. *Beach Triptych nº1*. 1970-1980. Fotografia  
(25,8 x 16 cm)

Suas narrativas entregam ao espectador parte de sua intimidade desejante, seus desejos íntimos. Alair por vezes nos conquista a ilusão de que estas poses registradas colocam-se à disposição do fotógrafo, como se este colocasse estes homens, estas poses ao seu desejo.

Na obra de Alair acabam por confrontar-se a naturalidade do desejo homoerótico que se consolida no olhar cotidiano sobre estes corpos que se exercitam e, por outro lado o olhar que se coloca por trás da câmera, ao longe. O jogo voyerístico se faz interessante na obra de Alair, todavia não deixa de remeter desejo que por vezes precisa ocultar-se, apontando para a questão dos interditos colocados a determinados aspectos da sexualidade.

Quando Bataille (1987) comenta a questão dos interditos, de forças contrárias aos impulsos sexuais, observamos em sua fala a instauração de preconceitos oriundos destas ações proibitivas. A homossexualidade parece sofrer o peso do preconceito ao passo que se abre à transgressão de inúmeros interditos, afirmando-se ainda mais como uma questão que possui como base o sexo.

Bataille (p. 200, 1987) afirma que “O interdito, sendo de natureza sexual, acentuou, de acordo com a aparência, o valor sexual do seu objeto. Ou melhor, deu um valor *erótico* a esse objeto”. Neste sentido, o termo homoerótico pareceria mais claro, posto que se pauta na homossexualidade, marcada por inúmeros interditos e, seguindo a concepção de Bataille, conseqüentemente erótica.

Na obra de Alair Gomes a exaltação do corpo masculino, a ênfase no órgão sexual sugerem aspectos que remetem à sexualidade, isto ainda reforçado pelo caráter voyerista de suas obras, que acentua o desejo de ver o que não necessariamente está à disposição para ser observado. Neste sentido a transgressão, a possibilidade de invasão à privacidade alheias reforça a excitação provocada pela possibilidade de tocar o proibido. Bem como o fez Robert Mapplethorpe ao nos proporcionar a invasão à sexualidade alheia, permitindo o acesso a inúmeros atos sexuais como se fôssemos convidados e, de certo modo integrantes.

### **Algumas considerações acerca dos distintos olhares apresentados.**

As obras e artistas anteriormente mencionados apontam para aspectos distintos acerca da homossexualidade, bem como do homoerotismo. A estetização da sexualidade tocando a ironia, apontando clichês, definindo padrões, ou a exaltação do corpo e da corporeidade como determinantes na sugestão de características homossexuais, apontam para inúmeros aspectos concernentes à homossexualidade na atualidade.

Deste modo observamos inúmeros discursos criados em torno da homossexualidade por meio do olhar da arte. Por meio da análise da obra de Mapplethorpe foi possível tecer relações com obras de outros artistas contemporâneos que se utilizam do mesmo tema, observando deste modo as razões que fazem deste assunto um dos principais temas de investigação na arte contemporânea. Pôde-se perceber o quanto a discussão da temática sexual ainda se faz intensa em nossa sociedade e como a arte acompanha estas discussões.

Os olhares apresentados pelos artistas investigados demonstram desejos distintos ao tocar o tema. E o que podemos observar na abordagem da sexualidade na arte é como os discursos em torno desta se apresentam e se desenvolvem em nossa sociedade.

Todavia, este olhar “naturalizante” acerca destes aspectos da sexualidade acaba por estabelecer um discurso em que a sexualidade aparece como algo prioritariamente relacionado ao prazer e ao processo identitário. Nestes casos, a sexualidade não deixa de evidenciar seu poder por meio dos olhares sugeridos pelos artistas, contudo este poder não parece fundamentado na provocação e na contestação energética dos poderes repressores. Trata-se de um poder que se origina muito mais pela coragem em afirmar desejos, de não se submeter a interditos que vão contra aos impulsos sexuais.

Neste sentido observamos a obra de Robert Mapplethorpe como determinante nesta abordagem acerca da sexualidade que busca despir-se de preconceitos. Sua obra toca os clichês sem enfatizá-los, propõe a estetização

da prática sexual como objeto de investigação artística, exalta o corpo masculino e sua gestualidade, nos fala sobre a sexualidade e não sobre os preconceitos em torno desta. Mapplethorpe nos mostra seus impulsos sexuais e, deste modo, nos convida a observar o prazer existente na sexualidade e não apenas os problemas à que constantemente nossa sociedade propõe quando refere-se ao sexo.

---

<sup>i</sup> Artigo extraído da dissertação “Robert Mapplethorpe: diálogos e olhares sobre a sexualidade na arte contemporânea” realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria.

#### Referências:

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Homoerotismo masculino entre a cultura do corpo e o corpo da cultura**. In: LYRA, Bernadete; GARCIA, Wilton (orgs.). **Corpo e Imagem**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Lisboa: Edições Antígona, 1988.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Editorial Síntesis., 1997.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade II – O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

MORRISROE, Patrícia. **Mapplethorpe**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

SANTOS, Alexandre. **A fotografia como escrita pessoal : Alair Gomes e a melancolia do corpo-outro**. Tese (Programa de Pós-graduação em Artes Visuais) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Rick. **Literatura e Homossexualidade: a busca de um corpo gay e lésbico**. In: LYRA, Bernadete; GARCIA, Wilton (orgs.). **Corpo e Imagem**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

**Juzelia de Moraes Silveira:** Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Bacharel e Licenciada em Artes Visuais, todos pela Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo Gepaec - Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, diretório CNPq. [juzeliamoraes@gmail.com](mailto:juzeliamoraes@gmail.com)

**Ayrton Dutra Corrêa:** Pós-Doutorado em Arte/Educação pela ECA da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Ensino de Artes Visuais no Centro de Artes e Letras, professor no Curso de Pós-Graduação em Design para Estamparia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, todos UFSM. Vice-Coordenador Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Santa Maria. [ayrcor@gmail.com](mailto:ayrcor@gmail.com)